

## Contribuições Teóricas em Estudos Organizacionais: Abrindo Janelas e Salvando Afogados

**Autoria:** Vanessa Brulon Soares, Juliana Mansur

**Resumo:** A preocupação com a produção de conhecimento ronda os acadêmicos, que dedicam seus trabalhos à busca de contribuições para a ciência. O poeta Mario Quintana afirma em um de seus textos: “quem faz um poema abre uma janela”. O mesmo pode-se dizer a respeito das pesquisas acadêmicas. Os resultados de tais trabalhos devem possibilitar que se abram janelas, ou, como afirma Whetten (1989), devem desafiar e expandir o conhecimento existente. Embora a produção teórica seja vista como uma atividade central na área de estudos organizacionais (EISENHARDT, 1989), são freqüentes as críticas à escassez de contribuições teóricas na área. Principalmente em relação a trabalhos teórico-empíricos, estes, muitas vezes, não se preocupam em descrever os elementos de uma teoria, deixando em aberto as contribuições teóricas que uma pesquisa empírica pode trazer. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo identificar de que forma as pesquisas empíricas produzidas na área de estudos organizacionais estão fazendo contribuições teóricas para a área. Para tal, adotou-se como base a taxonomia proposta por Colquitt e Zapata-Phelan (2007), que consiste em um modelo por meio do qual artigos teórico-empíricos podem ser classificados em termos de dois componentes que dizem respeito a sua contribuição teórica, quais sejam, a construção de teoria e o teste de teoria. A partir de sua classificação nas duas dimensões consideradas no modelo, os artigos podem ser classificados em cinco categorias propostas por Colquitt e Zapata-Phelan (2007): *reporters*, *qualifiers*, *testers*, *builders* e *expanders*. Tomando por base esta taxonomia, foram analisados e classificados artigos da área de estudos organizacionais apresentados nos congressos da ANPAD nos últimos anos. Optou-se por analisar os trabalhos apresentados no Encontro da Divisão de Estudos Organizacionais da ANPAD (EnEO) e na Divisão Acadêmica de Estudos Organizacionais do EnANPAD, de 2008 a 2010, já que estes representam eventos recentes da ANPAD que dizem respeito diretamente à área objeto de estudo. Pode-se perceber, a partir da análise realizada, que o predomínio de trabalhos que podem ser caracterizados como *reporters* e *qualifiers*, representando 61% do total de artigos, o que demonstra que a maior parte das pesquisas em estudos organizacionais ainda se dá com base em trabalhos realizados anteriormente. Os artigos do tipo *testers* e *builders* apareceram em 34% dos trabalhos, assumindo um médio grau de representatividade nos artigos analisados. Embora ainda não proponham um novo conceito, estes trabalhos podem trazer grandes contribuições para a área de estudos organizacionais, fornecendo as bases para novas produções teóricas. Artigos classificados como *expanders*, entretanto, mostraram-se escassos, representando somente 5% do total de artigos. Embora haja produção acadêmica que forneça material para a criação de novos conceitos, faltam, ainda, pesquisadores que ousem dar o salto final. Como defende Mintzberg (2005), o mais difícil não é enxergar o novo conceito, mas ter coragem para verbalizá-lo. Não se pode perder de vista, entretanto, a necessidade de relevância destas contribuições. O poeta Mario Quintana também afirma em um de seus textos: “quem faz um poema salva um afogado”. O mesmo pode-se dizer a respeito das pesquisas acadêmicas. Trabalhos acadêmicos não só devem abrir janelas, mas também salvar afogados, sejam estes as organizações públicas, instituições privadas ou, melhor ainda, a sociedade.

## 1. Introdução

A preocupação com a produção de conhecimento ronda os acadêmicos, que dedicam seus trabalhos à busca de contribuições para a ciência. O poeta Mario Quintana afirma em um de seus textos: “quem faz um poema abre uma janela”. O mesmo pode-se dizer a respeito das pesquisas acadêmicas. Os resultados de tais trabalhos devem possibilitar que se abram janelas, ou, como afirma Whetten (1989), devem desafiar e expandir o conhecimento existente.

A expansão do conhecimento à qual Whetten (1989) se refere é alcançada por meio do desenvolvimento de novas teorias. Pesquisas dedicadas a testar teorias existentes trazem grandes contribuições, já que, como afirma Mintzberg (2005), é importante que se saiba se uma dada teoria é falsa. O desenvolvimento de uma nova teoria, entretanto, possibilita que se organize um mundo empírico complexo, torna a comunicação mais clara (BACHARACH, 1989), sendo, portanto, essencial para a expansão do conhecimento. De forma provocativa, Mintzberg (2005, p. 357) afirma: “*As for myself, I have always considered life too short to test theories*”.

A importância das contribuições teóricas trazidas por trabalhos acadêmicos é defendida por diversos autores que argumentam que teorias possibilitam o entendimento e a previsão de resultados. Para Mintzberg, quanto mais teorias forem desenvolvidas, melhor será para a expansão do conhecimento, já que várias explicações para um mesmo fenômeno estimulam o pensamento. Ainda que se reconheça a importância de trabalhos que não têm a produção teórica como preocupação central, defende-se a importância de que, mesmo que no longo prazo, como resultado de uma agenda de pesquisas, contribuições teóricas sejam realizadas.

Embora autores como Eisenhardt (1989) defendam a produção teórica como uma atividade central na área de estudos organizacionais, as queixas de alguns acadêmicos a respeito da ausência de contribuições teóricas na área têm sido frequentes. Mintzberg (2005), por exemplo, lamenta o reduzido número de pesquisadores dedicados a criar teorias, e defende que tal acontecimento se dá devido à grande preocupação dos acadêmicos com o rigor científico e com a objetividade, tornando-se impossível criar. Já para Bacharach (1989), os trabalhos nesta área falham em trazer contribuições teóricas, porque ignoram o que é necessário para tal.

É crescente, ainda, a demanda por parte de periódicos da área para que os trabalhos neles publicados contribuam para a produção teórica. Principalmente em relação a trabalhos teórico-empíricos, estes, muitas vezes, não se preocupam em descrever os elementos de uma teoria, deixando em aberto as contribuições teóricas que uma pesquisa empírica pode trazer. De acordo com Colquitt e Zapata-Phelan (2007), trabalhos empíricos podem trazer contribuições teóricas por meio do teste de teorias ou por meio da construção de teoria. Entretanto, pesquisas empíricas em estudos organizacionais que se proponham a construir teorias tornam-se cada vez mais escassas.

Diante da discussão presente na área de estudos organizacionais, e com pretensões de para ela contribuir, o presente trabalho tem como objetivo identificar de que forma as pesquisas empíricas produzidas na área de estudos organizacionais estão fazendo contribuições teóricas para a área. Sendo assim, este artigo busca apresentar um retrato dos últimos três anos de estudos de Estudos Organizacionais no Brasil, a partir do levantamento sistemático, análise e avaliação crítica da produção científica publicada no Encontro da Divisão de Estudos Organizacionais da ANPAD (EnEO) e na Divisão Acadêmica de Estudos Organizacionais do EnANPAD, no período de 2008 a 2010.

## 2. Contribuições teóricas em estudos organizacionais

A preocupação em trazer contribuições teóricas não é exclusiva de pesquisadores da área de estudos organizacionais, nem mesmo da administração. Entretanto, não existem fórmulas ou modelos definitivos que orientem, de forma objetiva, como desenvolver uma teoria. O próprio conceito de teoria, aparentemente, não possui uma definição clara e consensual.

O debate em torno da definição de teoria é vasto. Diante da dificuldade em explicitar em que consiste uma teoria, muitos autores iniciam este processo pela definição daquilo que uma teoria não é. Neste sentido, ao desenvolver sua teoria sobre o desenvolvimento de teoria, Mintzberg (2008) afirma que teorias não são verdadeiras, já que não são a realidade que se propõem a descrever. Como as teorias são simplificações da realidade, o autor defende que se deve escolhê-las de acordo com sua utilidade, e não com sua veracidade. Acrescenta, ainda, que teorias também não são objetivas, já que não são descobertas, mas sim inventadas. Whetten (1989), por exemplo, explica que uma simples listagem de fatores que explicam determinado fenômeno não deve ser considerada uma teoria, já que teorias dizem respeito a relações entre fatores.

Ao discutir a questão de como se desenvolve uma boa teoria, Sutton e Staw (1995) apresentam partes de um artigo que não devem ser consideradas como teoria. Neste sentido, os autores destacam elementos como referências a teorias já desenvolvidas, dados ou evidências empíricas, listas de variáveis ou construtos, diagramas ou figuras, hipóteses ou previsões. Indo ao encontro de Sutton e Staw (1995), Bacharach (1989) defende que um simples conjunto de variáveis e construtos não necessariamente forma uma teoria.

Tentativas de explicar o que uma teoria é, entretanto, também foram consolidadas. Segundo Colquitt e Zapata-Phelan (2007), muitos acadêmicos a definem como uma relação entre variáveis dependentes e independentes, ou em termos de narrativas e considerações. Bacharach (1989, p. 496), por exemplo, a define como “*a statement of relations among concepts within a set of boundary assumptions and constraints*”. Na visão do autor, o objetivo principal de uma teoria é responder às questões de “como”, “quando” e “por que”, diferenciando-se da descrição, que responde à questão de “o que”. Bacharach (1989) explica, ainda, que a teoria também pode ser pensada como um sistema de construtos, relacionados entre si por meio de proposições, e variáveis, relacionadas entre si por meio de hipóteses.

Na visão de DiMaggio (1995) existem pelo menos três visões a respeito do que uma teoria deve ser e cada uma delas tem a sua validade, bem como suas limitações. Para o autor, uma primeira opção – e a mais adotada pelos pesquisadores – é que a teoria seja pensada como uma forma de cobrir leis, caracterizada como o estabelecimento de generalizações capazes de descrever a realidade. Uma segunda opção é que a teoria seja pensada como iluminadora. Neste caso, conforme DiMaggio (1995), a teoria é complexa e cheia de paradoxos. Por fim, a terceira opção consiste em pensá-la como uma narrativa, que considera o processo social.

Em uma tentativa de clarificar a definição do conceito, Whetten (1989), com base no pensamento de reconhecidos estudiosos do desenvolvimento teórico – como Dubin (1978), por exemplo –, afirma que, para que seja completa, uma teoria deve conter quatro elementos essenciais: i) identificar os fatores que devem ser considerados como parte da explicação do fenômeno em estudo, constituindo seu arcabouço conceitual; ii) estabelecer conexões entre os fatores, identificando de que forma eles estão relacionados; iii) identificar as dinâmicas – sociais, econômicas ou psicológicas – que fundamentam a escolha de fatores, bem como as relações

causais estabelecidas entre eles; e iv) identificar fatores temporais e contextuais para que sejam traçados os limites de generalização, sua extensão.

Não obstante a falta de consenso em sua definição, teorias são de grande relevância para o avanço científico. Mintzberg (2005) ressalta a importância de se testar teorias, mas defende que os pesquisadores também devem se dedicar a sua criação. Colquitt e Zapata-Phelan (2007) justificam esta importância, ao afirmarem que a teoria possibilita que os pesquisadores sejam capazes de entender e prever resultados de interesse. Além disso, conforme os autores, a teoria permite que os cientistas descrevam e expliquem um processo ou uma seqüência de eventos.

A preocupação em trazer contribuições teóricas justifica-se, assim, diante da importância de uma boa teoria. Tal preocupação desencadeia inúmeros debates a respeito do tema. Whetten (1989), ao discutir o que é uma verdadeira contribuição teórica, afirma que trabalhos que se propõem a desenvolver uma teoria têm a missão de desafiar e ampliar o conhecimento existente, e não simplesmente reescrevê-lo. Já na visão de Colquitt e Zapata-Phelan (2007), uma contribuição teórica pode se dar tanto ao se testar uma teoria quanto ao criá-la. Indo ao encontro de Colquitt e Zapata-Phelan (2007), Tsang e Kwan (1999) também defendem a importância da replicação para a construção de uma teoria. Entretanto, o desenvolvimento de teoria exige discussões mais densas do que a sua mera replicação.

Importante teórico da administração, Mintzberg (2005) afirma que não sabe como se desenvolve uma teoria, apenas tenta fazê-lo. Tal afirmação explicita a complexidade do processo, bem como a ausência de modelos ou fórmulas consensuais que indiquem as etapas a serem seguidas para o desenvolvimento de uma teoria. Não obstante tal dificuldade, muitos autores propõem processos necessários para que novas teorias sejam criadas.

A identificação de padrões é constantemente destacada como uma importante tarefa para o desenvolvimento de uma teoria. A este respeito, Whetten (1989) afirma que, por meio da identificação de padrões, é possível dar ordem à conceitualização anteriormente desenvolvida. Mintzberg (2005) também ressalta a importância desta tarefa ao afirmar que o estabelecimento de conexões inesperadas é fundamental, sendo para isso necessário reconhecer as similaridades em coisas que a princípio parecem diferentes umas das outras.

Com base na discussão de importantes acadêmicos que se consolidaram como criadores de teoria, Smith e Hitt (2005) propõem quatro estágios separados, que constituem o processo de desenvolvimento de teoria. O primeiro estágio proposto pelos autores, denominado de tensão, é caracterizado como uma etapa na qual ocorre um conflito entre a visão dos acadêmicos a respeito da administração e do mundo e a observação de um fenômeno que contradiz esta visão. A segunda etapa é denominada de busca. Nesta etapa, em uma tentativa de reduzir a tensão criada na fase anterior, os pesquisadores fazem experiências, exploram e fazem descobertas. Na etapa seguinte, intitulada elaboração/pesquisa, os acadêmicos pesquisam e expandem suas idéias. Finalmente, na etapa denominada pelos autores de proclamação/apresentação, é a fase de apresentação do modelo e da pesquisa, que se dá, principalmente, por meio de uma série de artigos conceituais e teóricos, ou em um livro.

A partir de suas reflexões a respeito de como se desenvolve uma teoria, Mintzberg (2005) apresenta algumas proposições para que novas teorias sejam criadas. O autor propõe, por exemplo, que os pesquisadores adotem questões maiores, já que só assim podem obter grandes respostas. Além disso, informações detalhadas devem ser coletadas. Para a apresentação das teorias, Mintzberg (2005) propõe que elas sejam transmitidas aos leitores em uma ordem linear,

ainda que a realidade que se esteja tentando explicar não funcione desta forma. O autor sugere, ainda, o uso de diagramas para facilitar a compreensão da interrelação entre os conceitos envolvidos. Mas não deixa de mencionar o importante papel da criatividade do pesquisador neste processo, sugerindo que é preciso se deixar enxergar coisas que outros, talvez, não consigam ver.

O pesquisador é, assim, indispensável para a produção teórica. Entretanto, conforme Smith e Hitt (2005), os pesquisadores podem desempenhar diferentes papéis neste processo, sendo tanto aquele que consegue estabelecer uma mudança de percepção e fazer uma descoberta, quanto aquele que sintetiza, organiza e distribui argumentos chave. Ainda, é o pesquisador o responsável pelo processo de comunicação dos conceitos e abordagens da nova teoria, por demonstrar a relevância da mesma, testando-a e defendendo-a.

Além disso, segundo Smith e Hitt (2005), os pesquisadores possuem algumas características em comum. Na visão dos autores, os pesquisadores responsáveis pelo desenvolvimento de teoria possuem paixão por suas idéias, são persistentes, possuem disciplina e comprometimento com seu trabalho e, finalmente, estão focados em grandes idéias. Mesmo diante de todas estas características, Hambrick (2005) complementa, entretanto, que nenhum pesquisador é capaz de realizar esforços intencionais para produzir uma teoria: elas simplesmente emergem e tomam forma, não são construídas. Para o autor, aqueles capazes de desenvolver teorias são apenas bons observadores.

Destaca-se, assim, a complexidade deste processo. DiMaggio (1995) defende que o desenvolvimento de teoria torna-se uma tarefa ainda mais complicada devido, principalmente, a três fatores: a existência de mais de uma possível definição daquilo que se entende como teoria, a dificuldade de combinar os diferentes tipos de teoria, e o fato de que sua construção constitui-se como uma construção social. Assim, na visão do autor, produzir uma boa teoria torna-se uma tarefa difícil, porque existem várias formas de se entender o que é uma boa teoria.

Eisenhardt (1989) defende que a produção de teoria é uma atividade central na área de estudos organizacionais. Miner (1984) ressalta em sua pesquisa a enorme quantidade de teorias nesta área que já foram desenvolvidas e consolidadas. Entretanto, ao avaliar tais teorias com o objetivo de identificar se algum reajuste seria necessário, o autor não obteve resultados favoráveis. Em seus estudos, Miner (1984) concluiu que reajustes de objetivos, paradigmas e processos básicos devem ser considerados.

Diante disso, ressalta-se a importância dessa discussão para a área de estudos organizacionais. Weick (1995), por exemplo, defende que, na referida área, muito do que é considerado teoria, nada mais é do que uma mera aproximação. Assim, poucas destas aproximações realmente vêm a se tornar boas teorias. O autor justifica tal afirmação ao explicar que, na área de estudos organizacionais, existe uma tendência a se iniciar o processo de teorização por meio de uma visão de uma teoria, que aos poucos vai sendo transformada em algo linear, perdendo sua acurácia. Sutton e Staw (1995) reforçam essa idéia ao afirmar que é muito difícil encontrar boas teorias em periódicos da área de estudos organizacionais, e argumenta que tal fato provavelmente se dá por esta se constituir como uma área que atrai pesquisadores mais práticos.

### **3. Método de pesquisa**

Para atender ao objetivo deste trabalho, foram analisados artigos da área de estudos organizacionais apresentados nos congressos da Associação Nacional de Pós-graduação e



Pesquisa em Administração (ANPAD) nos últimos anos. Optou-se por analisar os trabalhos apresentados no Encontro da Divisão de Estudos Organizacionais da ANPAD (EnEO) e na Divisão Acadêmica de Estudos Organizacionais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (EnANPAD), já que estes representam os eventos da ANPAD que dizem respeito diretamente à área objeto de estudo. Neste sentido, todos os trabalhos teórico-empíricos desses eventos de 2008 a 2010 foram analisados. A opção por tal período de tempo se deu devido ao interesse em investigar as contribuições teóricas de trabalhos recentes da área. Além disso, a opção pelos eventos da ANPAD se justifica por serem estes os maiores congressos de administração do Brasil, no qual são apresentados importantes trabalhos da área, muitas vezes encaminhados para grandes periódicos.

No que diz respeito ao tratamento e à análise dos dados, os artigos foram classificados a partir da taxonomia proposta por Colquitt e Zapata-Phelan (2007). Os autores propuseram um modelo por meio do qual artigos teórico-empíricos podem ser classificados em termos de dois componentes que dizem respeito a sua contribuição teórica, quais sejam, a construção de teoria e o teste de teoria. As duas dimensões são divididas em cinco níveis. A primeira dimensão, construção de nova teoria, é representada pelos seguintes níveis:

- Nível 1: tenta replicar efeitos já demonstrados anteriormente – artigos classificados neste nível realizam uma validação cruzada de descobertas realizadas por estudos empíricos anteriores. A replicação pode ser operacional, quando o pesquisador duplica todos os detalhes do método utilizado em outro estudo, ou construtiva, quando o pesquisador cria um método mais rigoroso para replicação do estudo anterior.
- Nível 2: examina efeitos que já foram sujeitos a teorizações anteriores – artigos classificados neste nível examinam efeitos que já foram sujeitos a teorização anterior, mas ainda não foram estudados empiricamente.
- Nível 3: introduz um novo mediador ou moderador em uma relação ou processo existente – artigos classificados neste nível introduzem um novo mediador ou moderador substantivo em relações ou processos que já foram estabelecidos em trabalhos anteriores.
- Nível 4: examina um processo ou relação não explorado anteriormente – artigos classificados neste nível examinam um processo ou relação não explorada por trabalhos anteriores, podendo servir de base para o desenvolvimento de uma nova teoria.
- Nível 5: introduz um novo construto – artigos que introduzem um construto completamente novo ou reconceitualizam significativamente um construto já existente, representando uma contribuição única e original. Foi identificada a introdução de um novo construto, quando este era apresentado e definido sem citação de artigos passados.

Já em relação à segunda dimensão, teste de teorias já existente, esta é representada pelos seguintes níveis:

- Nível 1: é indutivo ou estabelece predições com especulações lógicas – artigos classificados neste nível podem seguir um modelo indutivo, não incluindo uma hipótese *a priori*, e enfatizando a criação de proposições que possam ser testadas em estudos futuros. Neste caso, geralmente se baseiam em teorias existentes para

criar as questões de pesquisa ou guiar a categorização das observações, mas não tentam testar explicitamente estas teorias. Também podem seguir o modelo hipotético-dedutivo, quando possuem uma hipótese *a priori*, com base apenas em especulação lógica. Nestes artigos não há teste de teoria, e isso pode ser explicado pelo fato de não haver teoria relevante para a relação de interesse, dando um caráter exploratório ao trabalho.

- Nível 2: estabelece previsões com referências a descobertas passadas – artigos classificados neste nível criam hipóteses *a priori* com base na literatura especializada, mas esta literatura consiste apenas em uma lista de referências de descobertas passadas, sem apresentar a lógica causal que explica estas descobertas.
- Nível 3: estabelece previsões com argumentos conceituais existentes – artigos classificados neste nível têm suas previsões com base em argumentos conceituais passados. Tentam explicar porque uma relação ou processo existe, explicitando a lógica sustentada pelos autores das pesquisas anteriores. Mas estes argumentos conceituais ainda não foram suficientemente desenvolvidos para constituir uma teoria.
- Nível 4: estabelecem previsões com figuras, diagramas ou modelos existentes – artigos classificados neste nível apresentam previsões que têm por base modelos, diagramas e figuras, aproximando-se muito de testar uma teoria.
- Nível 5: estabelece previsões com teorias existentes – artigos classificados neste nível apresentam previsões que têm por base teorias já existentes.

A partir da classificação dos artigos nestas duas dimensões, é possível classificá-los de acordo com as categorias propostas por Colquitt e Zapata-Phelan (2007). A figura 1 apresenta tal categorização.

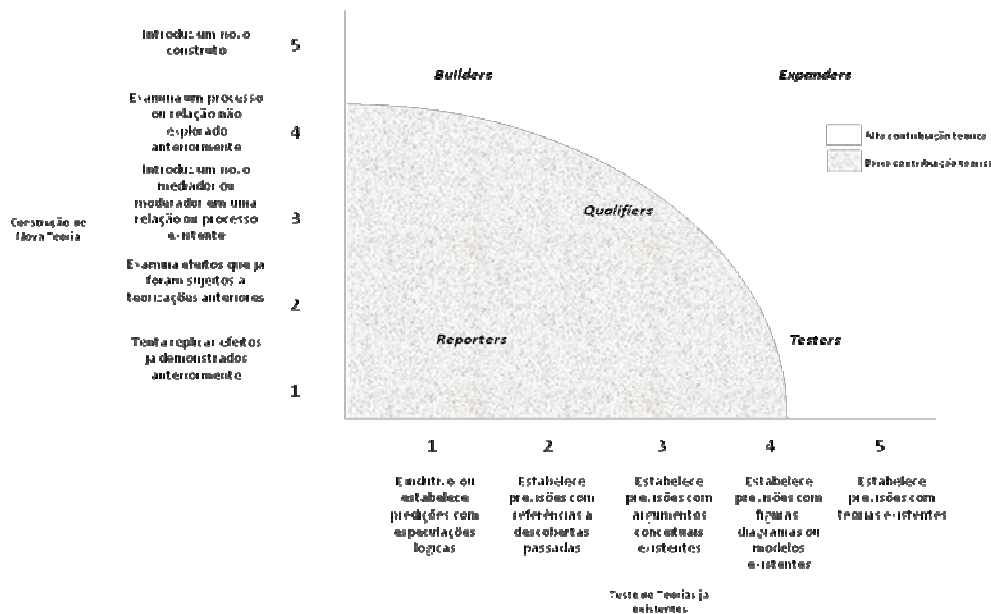


Figura 1. Taxonomia de construção teórica para trabalhos empíricos  
Fonte: Adaptado de Colquitt e Zapata-Phelan (2007, p. 1283)

As categorias estabelecidas pelos autores são: *reporters*, quando os artigos apresentam baixo nível de construção teórica (níveis 1 ou 2) e de teste de teoria (níveis 1 e 2); *testers*, quando os artigos apresentam alto nível de teste de teoria (níveis 4 ou 5), mas baixo nível de construção teórica (níveis 1, 2 ou 3); *qualifiers*, quando os artigos apresentam níveis moderados de construção teórica (níveis 1, 2 ou 3) e de teste de teorias (1, 2 ou 3); *builders*, quando os artigos apresentam baixo nível de construção teórica (níveis 1, 2 ou 3), mas um nível relativamente alto de teste de teoria (níveis 4 ou 5); e *expanders*, quando os artigos apresentam alto nível de construção teórico (níveis 4 ou 5) e de teste de teorias (níveis 4 ou 5).

Neste sentido, a presente pesquisa adotou o método de análise de conteúdo, a qual consiste em “um exercício de redução de dados onde o texto é codificado em determinadas categorias” (BAUER e GASKELL, 2002, p. 237). Assim, tendo por base a taxonomia descrita, os artigos dos eventos EnEO 2008, EnEO 2010, bem como os artigos da divisão de Estudos Organizacionais dos EnANPADs 2008, 2009 e 2010 foram analisados e classificados nas duas dimensões de análise: construção de teoria e teste de teoria.

Depois de identificados todos os artigos que cumpriam os critérios de inclusão na análise, dois codificadores previamente treinados classificaram cada artigo a partir da identificação de seus níveis nas duas dimensões, sendo estes classificados nas categorias propostas por Colquitt e Zapata-Phelan (2007) - *reporters, testers, qualifiers, builders e expanders*. Além disso, os artigos foram classificados de acordo com o tema conceitual da área de estudos organizacionais a que se propõem trabalhar, seguindo a classificação utilizada nos eventos. Os assuntos referentes a cada tema estão expostos na figura 2. Em seguida, para avaliar o perfil das publicações foi realizada uma análise estatística, considerando todas as dimensões acima mencionadas.

Temas	Descrição
Abordagens Institucionais	Abordagens e Teoria Institucional
Análise crítica e práticas transformadoras em organizações	Análise e Teoria Crítica, Mudança, práticas transformacionais e transformações sociais
Conhecimento e Aprendizagem	Gestão do Conhecimento, Aprendizagem nas Organizações, Processo de Aprendizagem, Competências, Gestão do Desenvolvimento, Inovação
Diálogos em Estudos Organizacionais	Diálogos entre Estudos Organizacionais, Gestão de Pessoas e Relação de Trabalho
Discursos, comunicação e Organizações	Discursos Organizacionais, Comunicação na Organização
Diversidade, Gênero e Qualidade de Vida	Diversidade e trabalho, Relações de Gênero, Deficiências, Homossexualidade, Desvios de Comportamento, Violência, Estresse
Indivíduos, Grupos e comportamento humano nas organizações	Motivação, Satisfação, Contratos Psicológicos, Grupos de Trabalho, Comprometimento, Comportamento de Cidadania, Comportamento Ético, Poder e Política
Liderança, Negociação e Tomada de Decisão	Função gerencial, Perfil de Liderança, Conflitos, Negociação e Tomada de Decisão
Ontologia, epistemologias, teorias e metodologias nos estudos organizacionais	
Organizações Familiares	Contexto e Práticas de Gestão em Empresas Familiares
Organizações, Culturas e Identidade	Simbolismos, Cultura, Identidade, Valores e Subjetividade em Organizações
Práticas Organizacionais	Indústrias de Criação, Desenhos e Arquiteturas Organizacionais, Estratégias, Formas Organizacionais e Práticas de Gestão, Responsabilidade Social
Redes e Relacionamentos Organizacionais	Relacionamentos Intra e interorganizacionais, Processos de Interação e Redes

**Figura 2. Temas Conceituais**



Passaremos, então, à apresentação e discussão dos resultados encontrados para cada uma dessas dimensões.

#### 4. Resultados

Considerando os artigos publicados nos eventos no período em questão, 707 foram considerados como pertencentes à área de Estudos Organizacionais, sendo 371 artigos publicados no EnANPAD de 2008 a 2010, representando 15,4% do total de publicações nos 3 anos do evento. Por ser um evento específico para estudos organizacionais, o EnEO totalizou 336 artigos publicados nas duas edições em questão (2008 e 2010), representando 47,5% do total de artigos considerados nesse estudo. Em relação à evolução ao longo dos anos, pode-se concluir também que a apresentação de artigos do campo de EO no EnANPAD e no EnEO se mantêm estável, com variação de menos de 10% de um ano ao outro. A tabela 1 apresenta tais dados:

**Tabela 1. Distribuição dos artigos de EO entre os eventos no período de 2008 a 2010.**

	2008	2009	2010	Total	%
<i>EnANPAD</i>	116	129	126	371	52,5%
<i>EnEO</i>	161		175	336	47,5%
<i>Total</i>	277	129	301	707	

Em relação aos campos mais estudados pela academia brasileira de administração, dentro de Estudos Organizacionais, destacam-se os campos de Teoria das Organizações e de Comportamento Organizacional, representando, juntos, 88,2% do total de publicação em EO. Nos anais do EnANPAD, destaca-se o campo de Comportamento Organizacional, representando 52,6% do total publicado, enquanto no EnEO o foco está em Teoria das Organizações, com 50,9% das publicações. O campo de Teoria Crítica mostrou-se menos expressivo, representando 11,9% das publicações no EnEO e no EnANPAD. Em relação ao tipo de artigo, 28,7% do total foram classificados como teóricos, sendo grande parte destes dentro de Teoria Crítica – 53% do total de artigos do campo. Em contrapartida, do total de artigos empíricos, 50,8% pertence ao campo de Comportamento Organizacional. As tabelas 2 e 3 apresentam os resultados mencionados.

**Tabela 2. Distribuição dos artigos por campo de EO entre os eventos**

	EnANPAD	% (evento)	EnEO	% (evento)	Total	% (total)
<i>Comportamento Organizacional</i>	195	52,6%	125	37,2%	319	45,3%
<i>Teoria Crítica</i>	44	11,9%	40	11,9%	84	11,9%
<i>Teoria das Organizações</i>	132	35,6%	171	50,9%	322	42,9%
<i>Total geral</i>	371		336		707	

**Tabela 3. Distribuição dos artigos por campo de EO entre o tipo de artigo (teórico ou teórico-empírico)**

	Teórico	% (total)	Teórico- Empírico	% (total)	Total
<i>Comportamento Organizacional</i>	63	19,7%	257	80,3%	320
<i>Teoria Crítica</i>	40	47,6%	44	52,4%	84
<i>Teoria das Organizações</i>	100	33,0%	203	67,0%	303
<b>Total geral</b>	<b>203</b>	<b>28,7%</b>	<b>504</b>	<b>71,3%</b>	<b>707</b>

Considerando os artigos teórico-empíricos foi realizada a classificação segundo Colquitt e Zapata-Phelan (2007). Do total de publicações, em ambos os eventos a maioria dos artigos foi classificada como *reporters* – quando os artigos apresentam baixo nível de construção teórica e de teste de teoria – seguido pelos *qualifiers* – quando os artigos apresentam níveis moderados de construção teórica e de teste de teorias. Juntos, representam 61% do total de artigos teórico-empíricos. Os artigos do tipo *testers* – quando os artigos apresentam alto nível de teste de teoria, mas baixo nível de construção teórica – e do tipo *builders* – quando os artigos apresentam alto nível de construção teórica, mas um nível moderado de teste de teoria – representam, juntos, 34% do total. Finalmente, os artigos do tipo *expanders*, aqueles que apresentam alto nível de construção teórica e de teste de teorias, representam somente 5% do total de artigos. Tais resultados sugerem que, no Brasil, a maioria dos artigos publicados tendem a testar teorias, menos que construí-las.

Considerando a distribuição por evento, em ambos os eventos há predominância dos artigos do tipo *reporters* e *qualifiers*. Entretanto, no EnANPAD há mais artigos do tipo *builders* que o EnEO, enquanto neste, sobrepõem os do tipo *testers*. Ainda, enquanto no EnANPAD há 7% de artigos com alto nível de teste e de construção de teorias (*expanders*), essa proporção cai para 2% no EnEO. A tabela 4 apresenta a distribuição dos artigos por evento.

**Tabela 4. Distribuição dos artigos segundo categoria de análise por evento**

Tipo de Artigo	EnANPAD	(% evento)	EnEO	(% evento)	Total geral	(% total)
<i>Reporters</i>	80	29%	88	38%	<b>168</b>	33%
<i>Qualifiers</i>	77	28%	64	28%	<b>141</b>	28%
<i>Testers</i>	39	14%	51	22%	<b>90</b>	18%
<i>Builders</i>	58	21%	23	10%	<b>81</b>	16%
<i>Expanders</i>	19	7%	5	2%	<b>24</b>	5%
<b>Total</b>	<b>273</b>		<b>231</b>		<b>504</b>	

A evolução ano a ano, como esperado – já que o objetivo é de traçar um panorama recente –, manteve-se estável, não indicando tendências para qualquer uma das categorias. No entanto, pode-se verificar que, enquanto os artigos do tipo *builders* tenham crescido significativamente de 2008 a 2010 no EnANPAD (de 0 a 31), no EnEO houve decréscimo (de 20 a 3). Ainda, na edição do EnEO de 2010, não houve publicação de artigos do tipo *expanders*.

A distribuição das categorias em relação ao campo em Estudos Organizacionais apontou que, no campo de Teoria Crítica, mais de 50% dos artigos são do tipo *reporters*, ou seja, possuem

um baixo nível de teste e de construção de teoria. Nos dois outros campos, a distribuição se assemelha a apresentada no total.

No que diz respeito aos temas, a maior contribuição para construção de teorias, considerando artigos do tipo *expanders*, foi do tema Organizações, Simbolismos, Cultura e Identidade (21% do total da categoria), seguido por Diversidade, Gênero e Qualidade de Vida (16,6%). Os temas Discursos, comunicação e Organizações, Diálogos em Estudos Organizacionais e Ontologia, epistemologias, teorias e metodologias nos estudos organizacionais, estes não apresentaram artigos desse tipo. Ainda, embora o tema Indivíduos, Grupos e comportamento humano nas organizações possua a maior quantidade de artigos teórico-empíricos, somente 2,7% são do tipo *expanders*. A tabela 5 apresenta a distribuição das categorias por tema.

**Tabela 5. Distribuição dos artigos teórico-empíricos segundo categoria de análise, por tema conceitual**

Tema conceitual	Total geral	Testers	Reporters	Qualifiers	Builders	Expanders
Indivíduos, Grupos e comportamento humano nas organizações	74	14	21	20	17	2
Organizações, Simbolismos, Culturas e Identidade	72	11	22	22	12	5
Conhecimento e Aprendizagem	57	10	26	17	3	1
Análise crítica, formas de gestão e práticas transformadoras em organizações	55	8	19	16	9	3
Diversidade, Gênero e Qualidade de Vida	49	8	17	16	4	4
Redes e Relacionamentos Organizacionais	46	9	12	10	13	2
Práticas Organizacionais	38	3	12	11	8	4
Organizações Familiares	28	2	9	7	9	1
Discursos, comunicação e Organizações	26	5	9	12		
Abordagens Institucionais	22	8	7	3	3	1
Diálogos em Estudos Organizacionais	15	6	3	4	2	
Liderança, Negociação e Tomada de Decisão	13	4	5	3		1
Ontologia, epistemologias, teorias e metodologias nos estudos organizacionais	9	2	6		1	

Como apresentado na tabela 5, na análise dos temas conceituais, considerando somente os artigos teórico-empíricos, destacam-se os temas Indivíduos, Grupos e comportamento humano nas organizações e Organizações, Simbolismos, Culturas e Identidade, juntos representando 29% do total de artigos. Em seguida, aparecem os temas Conhecimento e Aprendizagem e Análise crítica, formas de gestão e práticas transformadoras em organizações, com representatividade de 11% cada um.

Tal distribuição se modifica quando são considerados tanto os artigos teórico-empíricos quando os ensaios teóricos. Desse modo, destaca-se o tema de Análise crítica, formas de gestão e práticas transformadoras em organizações, representando 13,8% do total de publicação na área. Além de ser o tema mais estudado no geral, é também o tema mais recorrente no EnEO. O tema Organizações, Simbolismos, Cultura e Identidade (com predomínio de temas como Cultura e Identidade) foi o segundo mais estudado, seguido por Indivíduos, Grupos e Comportamento humano nas Organizações – tema mais recorrente no EnANPAD. Ambos representam 13,1% e 12,7% da distribuição total, respectivamente. Juntos, os três temas representam quase 40% de toda a produção em Estudos Organizacionais. Embora os principais temas de cada evento estejam

entre os três primeiros do total, a distribuição por evento apresenta diferenças, assim como a distribuição por campo dentro de EO.

Ainda, em todos os temas, a quantidade de artigos teórico-empíricos é superior a de teóricos, com exceção do tema Ontologias, epistemologias, teorias e metodologias nos Estudos Organizacionais, que apresentou quase quatro vezes mais artigos do tipo teórico. A proporção por tipo de artigo no tema mais recorrente, por sua vez, se mostrou equilibrada, sendo 44% teórico e 56% teórico-empírico. Vale também notar que os temas Organizações Familiares e Liderança, Negociação e Tomada de Decisão não apresentaram artigos do tipo teórico no EnANPAD e no EnEO, respectivamente. A tabela 6 apresenta a distribuição do total de artigos por tema Conceitual, por tipo de pesquisa.

**Tabela 6. Distribuição dos artigos por tema conceitual, por tipo de pesquisa**

Temas Conceituais	Total Geral	Teórico-Empírico	Teórico
Análise crítica, formas de gestão e práticas transformadoras em organizações	98	55	43
Organizações, Simbolismos, Culturas e Identidade	93	72	21
Indivíduos, Grupos e comportamento humano nas organizações	90	74	16
Conhecimento e Aprendizagem	78	57	21
Redes e Relacionamentos Organizacionais	59	46	13
Diversidade, Gênero e Qualidade de Vida	57	49	8
Práticas Organizacionais	57	38	19
Ontologia, epistemologias, teorias e metodologias nos estudos organizacionais	43	9	34
Discursos, comunicação e Organizações	36	26	10
Organizações Familiares	31	28	3
Abordagens Institucionais	30	22	8
Diálogos em Estudos Organizacionais	20	15	5
Liderança, Negociação e Tomada de Decisão	15	13	2

## 5. Discussão dos resultados

A partir dos resultados anteriormente apresentados, pode-se observar que a área de estudos organizacionais apresenta uma representação expressiva dentro dos eventos da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), representando um total de 15,4% das publicações nas três últimas edições do EnANPAD. A representatividade da área pode ser explicada devido à sua grande abrangência, englobando uma grande diversidade de temas, que possuem interseção com outras áreas, bem como inúmeras linhas epistemológicas, abarcando trabalhos de pesquisadores críticos a positivistas em um mesmo evento.

Entretanto, dentro da referida área, é evidente o predomínio de trabalhos dos campos de Teoria das Organizações e de Comportamento Organizacional (88,2% do total de publicações da área), em detrimento do campo de Teoria Crítica. Em todos os eventos analisados, o campo de Teoria Crítica se mostrou o menos expressivo. Tal fato pode ser justificado diante do predomínio de pesquisadores funcionalistas na área de estudos organizacionais, tornando o campo da Teoria Crítica esvaziado perante os demais.

Além disso, a maioria dos trabalhos que seguem um modelo de ensaio teórico encontra-se no campo de Teoria Crítica (53% do total de ensaios). Já no campo de Comportamento Organizacional, predominam os artigos teórico-empíricos (50,8% do total). Por se caracterizar como um campo que se contrapõe aos métodos positivistas, e que, portanto, rejeita o empirismo como forma principal e única de produzir conhecimento, a escassez de pesquisas empíricas nos trabalhos de Teoria Crítica, em comparação com as demais áreas, não é de se estranhar. O mesmo se pode dizer do predomínio de artigos teórico-empíricos no campo de Comportamento Organizacional, já que esta se constitui como uma área com abundância de pesquisadores que seguem uma epistemologia positivista, e sua produção acadêmica está majoritariamente voltada para o estabelecimento de relações de causa e efeito entre variáveis relacionadas ao comportamento humano nas empresas, necessitando, portanto, de uma pesquisa empírica para tal.

Dentre os artigos teórico-empíricos, objeto de análise no presente estudo, o predomínio de trabalhos que podem ser caracterizados, segundo a taxonomia de Colquitt e Zapata-Phelan (2007), como *reporters* e *qualifiers*, representando 61% do total de artigos, demonstra que a maior parte das pesquisas em estudos organizacionais ainda se dá com base em trabalhos realizados anteriormente, voltando-se, muitas vezes, para o teste empírico de relações já sujeitas a discussão teórica anterior. Ao mesmo tempo, muitos trabalhos estabelecem suposições ou hipóteses com base em referências citadas, mas não exploradas no trabalho. Tais fatos sugerem que há presença de uma lógica positivista que, embora seja por vezes combatida atualmente, exerce certa influência nos trabalhos acadêmicos da área. Ainda, alguns trabalhos assumem um método indutivo, não estabelecendo *a priori* uma suposição, ou estabelecendo-a apenas com base em inferências lógicas.

Os artigos do tipo *testers* e *builders* apareceram em 34% dos trabalhos, assumindo um médio grau de representatividade nos artigos analisados. Estes representam casos, não muito frequentes, em que teorias já existentes são testadas, ou em que novas relações são encontradas e novos processos são descritos. Embora ainda não proponham um novo conceito, estes trabalhos podem trazer grandes contribuições para a área de estudos organizacionais, fornecendo as bases para novas produções teóricas.

Artigos classificados como *expanders*, entretanto, mostraram-se escassos, representando somente 5% do total de artigos. Embora haja produção acadêmica que forneça material para a criação de novos conceitos, representada, principalmente, por artigos classificados como *testers* ou *builders*, faltam, ainda, pesquisadores que ousem dar o salto final. Tal fato pode ser explicado pelo apego, por parte dos pesquisadores, ao rigor científico e a objetividade. Como salientou Mitzberg (2005), estes fatores podem limitar a criatividade dos pesquisadores, tão necessária à produção teórica. Ainda, como defende o autor, o mais difícil não é enxergar o novo conceito, mas ter coragem para verbalizá-lo. O medo de colocar em palavras aquilo que todos podem ver pode ser o principal obstáculo ao desenvolvimento de uma nova e boa teoria.

Vale ressaltar, ainda, que a taxonomia proposta por Colquitt e Zapata-Phelan (2007), utilizada como base para a análise de dados no presente trabalho, não possibilita identificar a relevância das contribuições teóricas que aparecem nos trabalhos investigados. A mera demonstração de novas relações causais ou o exame de processos que ainda não foram investigados, embora indiquem uma contribuição teórica, não indicam que tais contribuições sejam úteis, não só para as empresas, como para outros tipos de organizações.



## 6. Conclusão

A fim de estimular discussões, reflexões e auto-avaliações a respeito da produção acadêmica em estudos organizacionais, o presente trabalho teve como objetivo identificar de que forma as pesquisas empíricas produzidas na área de estudos organizacionais estão fazendo contribuições teóricas para a área. Sendo assim, a partir da análise dos dados, conclui-se que há um predomínio, na área objeto de análise, de artigos que apenas utilizem referências anteriores, sem problematizá-las, e que estão voltados, principalmente, para o teste de processos e relações anteriormente teorizados. Além disso, apesar da existência de contribuições teóricas no que diz respeito ao teste de teorias ou à descoberta de novas relações e investigação de novos processos, falta, ainda, entusiasmo para a criação de novos conceitos e teorias.

Diante dessas conclusões, e talvez embriagados pelo discurso de que falta coragem na área acadêmica, propõe-se, com o presente trabalho, que seja retomada a ousadia necessária para que novos conceitos sejam desenvolvidos. Tendo em vista que teorias são inventadas e não descobertas, propõe-se, ainda, que os pesquisadores da área readquiram a criatividade necessária à produção teórica. Munidos de coragem e capacidade de invenção, elementos que não faltaram a Weber e a Marx em suas produções, os pesquisadores da área terão uma maior possibilidade de expandir suas contribuições teóricas.

Não se pode perder de vista, entretanto, a necessidade de relevância destas contribuições. O poeta Mario Quintana também afirma em um de seus textos: “quem faz um poema salva um afogado”. O mesmo pode-se dizer a respeito das pesquisas acadêmicas. A utilidade das contribuições teóricas deve ser considerada. Trabalhos acadêmicos não só devem abrir janelas, mas também salvar afogados, sejam estes as organizações públicas, instituições privadas ou, melhor ainda, a sociedade.

## 7. Referências

- BACHARACH, S. B. Organizational theories: some criteria for evaluation. *The Academy of Management Journal*, v. 14, n. 4, p. 496-515, oct., 1989.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa como texto, imagem e som: um manual prático. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- COLQUITT, J. A.; ZAPATA-PHELAN, C. P. Trends in theory building and theory testing: a five-decade study of the academy of management journal. *The Academy of Management Journal*, v. 50, n. 6, p. 1281-1303, 2007.
- DIMAGGIO, P. J. Comments on “what theory is not”. *Administrative Science Quarterly*, v. 40, n. 3, p. 391-397, sep., 1995.
- EISENHARDT, K. M. Building theories from case study research. *The Academy of Management Journal*, v. 14, n. 4, p. 532-550, out., 1989.

HAMBRICK, D. C. Upper echelons theory: origins, twists and turns, and lessons learned. In: SMITH, K. G.; HITT, M. A. *Great minds in management: the process of theory development*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

MINER, J. B. The validity and usefulness of theories in an emerging organizational science. *The Academy of Management Journal*, v. 9, n. 2, p. 296-306, 1984.

MINTZBERG, H. Developing theory about the development of theory. In: SMITH, K. G.; HITT, M. A. *Great minds in management: the process of theory development*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

SMITH, K. G.; HITT, M. A. Epilogue: learning how to develop theory from the masters. In: SMITH, K. G.; HITT, M. A. *Great minds in management: the process of theory development*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

SUTTON, R. I.; STAW, B. M. What theory is not. *Administrative Science Quarterly*, v. 40, n. 3, p. 371-384, sep., 1995.

TSANG, E. W. K.; KWAN, K. Replication and theory development in organizational science: a critical realist perspective. *The Academy of Management Journal*, v. 24, n. 4, p. 759-780, 1999.

WEIK, K. E. What theory is not, theorizing is. *Administrative Science Quarterly*, v. 40, n. 3, p. 385-390, sep., 1995.

WHETTEN, D. A. What constitutes a theoretical contribution? *The Academy of Management Review*, v. 14, n. 4, p. 490-495, out., 1989.